

## AFINAL A IDEIA É SEMPRE A MESMA O BAILARINO A PÔR O PÉ

LUIZ ANTUNES | BAILARINO E COREÓGRAFO

O tempo é sempre novo quando falamos de criação artística, de ideias que brotam de um pensamento verosímil ou inverosímil, de perspectivas primeiras sobre o hoje ou o de antes, poder sentir a transcendência na criação, neste caso, dos corpos e no pensamento inerente às suas leituras de mera presença ou de movimento e gestualidades. A era é esta, é o agora, a 6ª edição da *Mostra New Age New Time [NANT]*, uma mostra que tem sido de maior importância não só para a cidade de Viseu, como para a Dança e para o seu pensamento contemporâneo em Portugal.

Propor um texto a uma pessoa da Dança, sobre os seus pares, é um desafio para quem convida – pelo que espera, para o convidado – pelo que anseia. O exercício de escrita será em torno de um poema de Herberto Helder, a que chamo o caso do bailarino – Antropofagias, Texto III, onde se propõe uma leitura entrecortada (a **bold**) como apresentação desta edição.

Na programação NANT **Afinal a ideia é sempre a mesma o bailarino a pôr o pé**. 10 dias de uma ida nova dança e de uma dança nova, de uma dança transversal ou perpendicular; 13 criadores – António Cabrita e São Castro, Ana Bigotte Vieira e João dos Santos Martins, Paulo Ribeiro, Teresa Silva e Filipe Pereira, Cláudia Dias, Ricardo Machado, Marta Cerqueira, Rui Horta, Miguel Oliveira e Phil Hulford. Instalação, exposição, espectáculos e workshops proporcionam em cada espaço, em cada sítio, **No sítio uma coisa muito forte**, a quem assiste ou experiencia, **Na cabeça no coração nos intestinos no nosso próprio pé**.

A efemeridade da dança é transcendida pela ideia da presença constante, rompendo com os limites do eixo ttemporo-espacial e acrescento local, na instalação *BOX*, de 2013 e que será repensada em 2018, de António Cabrita e São Castro. O holograma que dança, o ar e vento tornado corpo, **Pode imaginar-se a ventania quer dizer / "o que acontece ao ar" é a dança**. A mesma ideia do corpo passado, o corpo histórico, não presente, que não está presente mas que existe como imagem suspensa no real.

A escrita sobre dança em Portugal é efémera e por vezes as reflexões aquém das suas realidades. A perspectiva de reflexão, por vezes historiográfica, tem sido uma das áreas de interesse de João dos Santos Martins que, juntamente com Ana Bigotte, apresentam a exposição *Para uma Timeline a Haver*, **pois vejam o que está a fazer o bailarino que desata por aí fora**, com a ideia subjacente de construção de possíveis cronologias para a dança contemporânea em Portugal. O pensamento vai (por **"aí dentro" seria melhor**) **pois ele varre o espaço/se me permitem varre-o com muita evidência e neste espaço expostivo somos obrigados a ver "isso"**.

O ciclo de espectáculos começa pela escrita coreográfica de Paulo Ribeiro – *Walking with Kylián*. *Never stop Searching*, que passeia pelo universo de Jiří Kylián, uma das referências maiores do bailado virado dança virada con-

temporânea. Com uma obra extensa, tão maior como a sua extensão, tem um universo difícil de classificar a não ser pelo rigor, precisão de movimentos e distribuição de peso, o **que faz o pé forte no sítio forte o pé leve no sítio leve**, por uma musicalidade que leva os corpos a dançarem sobre notas, o **sítio rítmico no pé rítmico?**, e a ideia de virtuosismo como imagem de conjunto e não individual do solista. **E digo assim porque se trata do princípio "de cima para baixo/De baixo para cima"**, a busca não só da geometria do espaço e da exactidão na frente de cena mas a pesquisa do que está por trás antes de vir para a frente é interesse de Paulo Ribeiro: **Que faz? Que fazem? Oh apenas um pouco de geometria**.

A expressividade levada ao limite da contenção é uma constante na dança contemporânea e em particular da portuguesa, emergente nos anos 90. Em *O que fica do que passa* – de Teresa Silva e Filipe Pereira, na mudez de um grito aflitivo transformado na imagem de um corpo virado boca de lábios vermelhos, pedimos **Em termos de tempo um pouco de velocidade** para aliviar a beleza da angústia, **Em termos de espaço dentro do tempo** para percebermos a plasticidade da criatividade e da luz; **"vamos lá encher o tempo com rapidez de espaço"**, pensamos, pois também **pensam os pés dele quando o ar está pronto**.

Um ringue de boxe é o espaço onde Cláudia Dias inicia o ciclo de sete anos e sete criações com *Segunda-feira: Atenção à direita!*. Somos confrontados com a ideia de que o **"problema" do bailarino é coisa que não interessa por aí além**, talvez não só do bailarino. Muitas bonanças em tempestades contidas, **mas são chegados os tempos de agonia**, em que somos esmurrados literalmente no corpo virado boca silenciosa e **estamos "exaltados" com este pensamento de morte**. Combater com dinâmica, **é preciso pensar no "ritmo" é uma das nossas congeminções exaltadas**.

A alusão a Nijinsky é incontornável quando lemos *L'Après-midi d'un Sportif*, título do trabalho coreográfico de Ricardo Machado. Tudo mudou indiscutivelmente, **na realidade algo se transformou desde que ele começou a dançar**. Agora o corpo ajazado de roupas justas e de sapatilhas continua **sem qualquer auxílio excepto** a contemporaneidade, virado imagem gloriosa e saudável, mas o pensamento transporta-nos para a sensualidade, sexo e repouso. Se antes parecia **não haver ainda nomes para "isso" e haver os ingredientes/do espectáculo i.e. a qualidade "forte" do sítio e pés**, agora temos a força de uma liberdade masturbatória e criativa sobre a leitura.

Por vezes o silêncio é duro e confrangedor, suave ou libertador para aquilo que outros sentidos nos revelam. Um corpo num espaço, num qualquer espaço, mas aquele corpo: o de *Mute* de Marta Cerqueira. Não **esperem pela abertura de negociações entre "não" e "sim"**, mas sim entre o on e o off da música que não escutamos mas que percebemos através do movimento, **hã-de ver como coisas dessas se passam**. Tenta-se adivinhar mas **não vai**



**ser fácil os recursos de designação as acomodações várias**, uma dança de "vibrações livres", o corpo transformado em estímulos que **já se não encontram às ordens de vossências e comecem a aperceber-se da "energia" como "instrumento"**.

De um "contrabaixo", o da obra de Patrick Süskind, surge uma valsa de mil tempos para um intérprete e para a sociedade, assim vejo *Um Solo para a Sociedade* de António Cabrita e São Castro. Há solidão, sente-se o peso de uma lamúria da equação um para um, do instrumento transformado em corpo e do corpo que já é o instrumento. Houve espaço de **criar "situações cheias de novidade"**, a contemplação do alegre triste e só, o irónico sui generis, **mas vai haver muito nevoeiro nessas cabeças**. Depois dos braços entrelaçados nas pernas e a aparente abstracção do mimetismo dos gestos precisos, o coração, **e ainda "o coração caiu-lhe aos pés" o banal**. O lugar de cada um, num lugar social, a dança inesperada com uns braços que não os do bailarino, a contas com o inesperado talvez então se tenha a ideia de murmurar. Há murmúrios e esgares imperceptíveis pois "os pés subiram-lhe ao coração". Assim é estar ali a observar e pois vão dizendo que exagero logo se verá.

O ciclo de espectáculos encerra com o regresso a solo de Rui Horta, um animal selvagem do palco da dança em todas as suas dimensões, *Vespa*. É num zumbir de uma escrita coreográfica ziguezagueante que viajamos entre o privado e o público, mas também Jorge Luís Borges **escreveu esta coisa um nadinha espantosa/"a lua da qual tinha caído um leão" nunca se pode saber**. Habitado a criar extensões dele próprio nos corpos alheios, cria uma armadilha libertadora em palco, **maças caem Newton cai na armadilha**. O ruído de um pensamento dançante que não pára, observando cada gesto impregnado de cada ano de história, da sua história. O chão para a queda, **quedas não faltam umas por causa das outras**, o modernismo na dança passou a ter a queda e não as pontas e **os impérios caem etc. o assunto do bailarino cai**, não para Rui Horta.

As obras não se encerram em si quando há afinidade entre a obra e o público. Workshops e aulas com os próprios criadores permitem aproximar as experiências do corpo, ao pensar, **mas sempre em cima da cabeça e estamos para ver**, como se de uma epifania se tratasse, **Cristo a andar sobre as águas é ainda o caso do bailarino**. Disponibilizamo-nos a perceber o que é a Dança, ou parte dela, **"o estilo"**. A diferença, o espaço desconhecido e vazio do pensamento provoca a estranheza e o preconceito, **claro que "isto" apavora**.

Mas a Dança é assim, a **dança faz parte do medo se assim me posso exprimir**.